

# humanitas

Vol. IV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOL. IV (NOVA SÉRIE, VOL. I)



COIMBRA  
MCMLII

## NOTAS A UM PASSO DE PÍNDARO

(OL. II, 77-78)

É facto conhecido por todos os estudiosos que a *II<sup>a</sup> Olímpica*, com ser urna das mais belas e famosas odes de Píndaro, é também uma daquelas cuja interpretação tem sido mais controvertida.

Nestas breves notas, é nossa intenção abordar um ponto de crítica textual, que tentaremos esclarecer com o auxílio de dados de diversa ordem.

A edição em que nos baseamos é a segunda de Alexander Turyn, *Pindari Carmina cum Fragmentis*, Academia Polona Litterarum et Scientiarum, Cracoviae, 1948.

\*

As expressões *Ἡλυσίων πεδίων* e *μακάρων νήσοι* alternam constantemente entre os antigos, como designações de um além feliz, reservado aos heróis, aos iniciados nos mistérios, ou aos bons, de acordo com a evolução das concepções religiosas e filosóficas. É Plutarco quem, como notou Martin (1), estabelece claramente a equivalência de ambas (*Sert.* vii).

Uma inscrição anónima da *Antologia Palatina* apresenta igualmente a fusão dos dois conceitos (2) :

*Ὀνκ εθανες, Πρώτη, μετέβης δ\* ες ἀμείνονα χώρον,  
καί ναίεις μακάρων νήσους θαλίη ἐνὶ πολλή,  
ἐνθα κατ Ἡλυσίων πεδίων σκιρτώσα γέγηθας  
ἀνθεσιν ἐν μαλακοῖσι, κακῶν ἐκτοσθεν ἀπάντων.*

(*A.P.*, *App. Noua*, π, 461 — Kaibel, *Ep. Gr.* 649).

(1) Th. H. Martin, *Traditions Homériques et Hésiodiques sur le Séjour des Morts*, in «Annuaire pour l'Encouragement des Études Grecques en France», 12<sup>e</sup> année, 1878.

(2) A mesma confusão se verifica em diversos outros exemplos epigráficos. Cf. Lattimore, *Themes in Greek and Roman Epitaphs*, in «Illinois Studies in Language and Literature», Vol. xxviii, Urbana, Illinois, 1942.

A diferença ideológica que corresponde à dualidade da denominação não nos cumpre aqui examiná-la (3). Notemos apenas que a primeira menção de *Ἠλυσίων πεδίων* surge no famoso passo da *Odisseia*, IV, 561-569, que consideramos autêntico, a despeito do muito que se tem escrito contra ele. E que a primeira vez que ouvimos falar das *μακάρον νήσοι* é em Hesíodo, *Trabalhos e Dias*, 166-173. Já aí as características desses lugares de eleição são idênticas às de *δ* e a situação é a mesma em ambas — *ες πείρατα γαίης*.

Parece que num dos poemas cíclicos, a *Αἰθιοπίς* de Arctinos, se falava da presença de Aquiles e Mémnon nas Ilhas dos Bemaventurados. Também o sch. de Apolónio de Rodes, IV, 815, mencionava um mito semelhante em fíbico e Simónides. O certo é que, depois de Homero e Hesíodo, a primeira referência concreta a uma existência feliz no além nos surge com Píndaro, e principalmente em dois pontos, a *IIª Olímpica* e o fragmento n.º 135 (Turyn) de um treno, conhecido através de Plutarco, *Consol. ad Apollon.*, 35, p. 120 c. Notemos desde já que não há unidade de concepção entre as duas descrições. A primeira divergência, que particularmente interessa ao nosso caso, é que o Treno coloca a descrição *κάτω* e nada mais acrescenta acerca da denominação ou local da cena — o que se deve talvez ao estado fragmentário da composição. A *IIª Olímpica* diz que para chegar lá os eleitos

..... ετειλαν Διος οδόν παρά Κρόνον τνρσιν ενθα μακάρων  
 νασον ώκεανίδες  
 άύραι περιπνέοισιν .....

Temos, portanto, uma ilha, *νασον*, e não ilhas, como encontramos antes, e como leremos depois em todos os autores que adoptaram esta concepção, em vez da de Campos Elisios (4).

(3) Cf. W. Cappelletti, *Elysium und Inseln der Seligen*, in «Archiv für die Religionswissenschaft», xxv, 1927, p. 245-264 e xxvi, 1928, p. 17-40. «Der ursprüngliche und richtige Name war vielmehr *μακάρων νήσος* oder *νήσοι*, wie auch die ältesten Zeugen Hesiod und Pindar überliefern. *Ἠλυσίων* aber gehört in eine ganz andere Sphäre, es muss aus einer rein religiösen Anschauung erwachsen sein, die wirklich allen Menschen ausnahmslos Aussicht und Gewissheit auf ein seliges Jenseits bot, zu der sie, unter gewissen Voraussetzungen natürlich, gelangen konnten».

(4) Ex. : Platão, *Górgias*, 522 e-527 e, *passim* (os outros grandes mitos escatológicos, menos presos à tradição do que este, não dão nome concreto aos lugares dos eleitos; assim, no do *Phaed.* 107 d-115 a temos «a verdadeira terra» e «a mansão

Única excepção à pluralidade é um passo de Eurípidés, *Helena*, 1677, em que os Dioscuros anunciam o destino de Menelau:

*μακάρων κάτοικε ἰν νήσῶν ἐστί μῶρσιμον.*

Como o texto é seguro neste ponto, não podemos deixar de aceitar a evidência do singular.

A ideia que aparece nesta frase é sem dúvida de tradição homérica. O emprego de *νήσων* por *νήσους* poderá explicar-se por influência do texto de Píndaro, reforçada pela conveniência métrica. A data da *IIª Olímpica* e a da tragédia de Eurípidés têm sido controvertidas, mas não há dúvida de que aquela é anterior a esta algumas dezenas de anos.

A preferência pelo plural corresponde à indeterminação que se verifica em todas as concepções do além, sobre as quais nunca houve uma teoria única entre os antigos. A expressão «Ilhas dos Bemaventurados» era mais vaga, e portanto convinha melhor ao indeciso e esfumado dos seus contornos. Daí, certamente, o facto de o número não ser mencionado (5).

Deve ter sido, em nossa opinião, o texto de Píndaro o responsável pelo *νήσων* de Eurípidés.

Tentaremos agora explicar o passo da *IIª Olímpica* sob o ponto de vista morfológico.

Os códices que reproduzem este verso, a saber, ABLEHCNO e o Pap. Oxyrh. 2092, todos transcrevem *νάσων*. Apenas o MS. G, ou seja, o Cod. Gottingensis philologus 29, apresenta a variante *νασος*,

dos filósofos»; no mito de Eró-arménio, *Rep.* X, 614a621<sup>d</sup>, diz-se que são *ἐν οὐρανῶ*; a expressão do *Phaedr.* 426 a-257 b ainda é mais indeterminada (*εἰς τοῦρανοῦ τινα τόπον*); *Rep.*, VII, 540 b<sup>c</sup>; *Sy mp.* 179 b-180 b. Outros passos do mesmo filósofo são menos precisos: cf. *Phaed.* 63 b-c; *Rep.*, VI, 498 c<sup>d</sup>; *Theaet.* 177 a. Pseudo-Platão, *Axiochus* 371 a-372 diz apenas *εἰς τὸν τῶν εὐσεβῶν χόρον*. Colocam os iniciados num lugar especial do Hades o *Hiño Homérico a Deméter*, as *Rãs* de Aristófanes e o fragm. 753 (Nauck) de Sófocles.

(5) Uma excepção em Plutarco, *Sert.* VIII, que diz serem duas. Note-se que se trata de uma época muito posterior, em que se tinham alargado bastante os conhecimentos geográficos e havia, por consequência, a preocupação de tudo localizar. Sobre as tentativas feitas nesse sentido, leia-se, entre outros, o artigo de A. Schulten, *Die Inseln der Seligen*, in «Geographische Zeitschrift», Leipzig und Berlin, 1926, Vol. xxxii, p. 229-247. Ao contrário do autor, não creio que tenham qualquer outra identidade com ilhas existentes, além da excelência do clima.

explicada pelos escoliastas bizantinos como um acusativo do plural dórico. A alteração é paleográfica e morfológicamente provável. A leitura do plural concorda com o que sabemos da mitologia e além disso serve o famoso princípio «potior est lectio difficilior». Este problema prende-se directamente com o do uso dos dorismos pelo Poeta, que não está bem esclarecido. São sabidas as consequências que tem tido o hiper-dorismo de alguns editores. Além de que os dialectos em literatura são sempre suspeitos sob o ponto de vista da filologia, porque representam um esforço, uma convenção, e não um modo de se exprimir espontâneo.

De um modo geral, o texto de Píndaro apresenta os acusativos do plural da declinação de tema em -o- na sua forma ática. Há, contudo, mais três exemplos, que Fennell aponta na sua edição comentada (6), em que já os antigos hesitavam. São os seguintes:

- (a) *ἀκέρδεια λέλογχεν*  
*θαμινὰ κακαγόρους.*

(O., I, 53)

- (b) ..... *δάμασε δε Θήρας εν πελάγει*  
*υπέροχους* .....

(N. III, 22-23)

- (c) *επεται δε λόγω δίκας αωτος, εσλον αἰνεῖν.*

(N., III, 28).

No exemplo (a), trata-se da alternativa entre o acusativo da forma ática, *κακαγόρους*, acatada pelos editores modernos, Callierges, Bergk, Aimé-Puech, C. M. Bowra, Turyn e Galiano, e o da forma dórica, *κακαγόρος*. Desprezando as variantes *κακαγόρος* E e *κακαγόροις* N<sup>ac</sup>, que, por serem de outros dialectos — iónico e eólico, respectivamente — têm ainda menos probabilidades de terem sido as do original, temos a forma dórica em ALHUC<sup>corr.</sup>. É curioso notar que grande número dos mss apresenta correções, umas para manter a forma dórica, como c e N, outras com uma observação supralinear,

(6) *Pindar, The Olympian and Pythian Odes*, new edition, Cambridge, at the University Press, 1893.

para advertir da equivalência ao acusativo ático, como A. Liddell-Scott preferem também *κακηγόρος*. O mesmo faz o escoliasta de c e, entre os comentadores modernos, Fennell e Gildersleeve (7).

A métrica não nos auxilia, por se tratar de sílaba final de verso.

O caso (b) é em tudo idêntico ao anterior. Os três códices que transcrevem a *IIIª Nemeia* (bdv) apresentam a forma dórica *υπέροχος* e apenas o escoliasta explica *Δωρικών αντί του υπέροχους*; o bizantino Moschopoulos emendou para a forma ática. Em resumo, neste caso, a tradição manuscrita é claramente a favor da forma dórica.

A métrica, porém, inclina-se para a ática, que é a que Aimé-Puech (8), Bowra (9) e Turyn apresentam.

O exemplo (c) é levemente diferente. Trata-se de escolher entre o acusativo do singular e o do plural dórico. A frase é possível de qualquer das maneiras, apenas com uma leve modificação de sentido:

«A flor da justiça segue a máxima de cantar o que é nobre»

ou

«de cantar os nobres» ou «quem é nobre».

A primeira hipótese designaria um neutro substantivado, a que faltaria o artigo. A segunda parece mais aceitável, dentro da sintaxe grega, para fazer referência a uma classe em geral.

Dos mesmos três MSS, *BDV*, que citámos acima, *B* prefere *εσλόν* " e *D* *εσλόζ* e *V* apresenta as duas formas. O escoliasta explica *το εσλόζ αντί του εσλούζ*. Aqui, Aimé-Puech, Bowra e Turyn preferem *εσλόν*.

Resumindo estes três casos, podemos concluir que a hesitação entre a forma dórica e a ática se manifesta desde os manuscritos mais antigos e os escoliastas sentiam-se já na necessidade de chamar a atenção para esse facto.

O verso que nos interessa presentemente, o 78 da *IIª Olímpica*, é um caso semelhante a estes. Os melhores manuscritos dizem *νασον*

(7) *Pindar, The Olympian and Pythian Odes*, in «Harper's Classical Series», New-York — Cincinnati — Chicago.

(8) *Pindare, Tome I, Olympiques*, Collection des Universités de France, Société d'Édition «Les Belles Lettres», Paris, 1922.

(9) *Pindari Carmina*, Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis, e typographeo Clarendoniano, Oxonii, editio altera (1947).

e apenas G e os bizantinos, conforme já notámos, apresentam a *varia lectio vaoco*. Encontrámos quinze outros exemplos do emprego do vocábulo em Píndaro, nenhum dos quais era duvidoso. Destes, doze eram a forma de acusativo do singular, *vãaov*, uma de nominativo do singular, *vaoco*, e outra de acusativo do plural, *vásoovç*. Em nenhum destes casos o sentido pedia alteração. A forma *vásoovç*, do verso 33 do *Paean Vnã* podia, métricamente, ser substituída pela dórica correspondente.

Em conclusão, afigura-se-nos que o problema do emprego das formas dóricas em Píndaro no acusativo do plural dos temas em -o não está ainda bem esclarecido, por falta de elementos seguros. É provável que a possibilidade de confusão com o nominativo do singular dos mesmos temas em breve levasse à exclusão de tais formas, já preparada e, por assim dizer, anunciada pelas notas supralineares, de que vimos exemplos. É provável também que o caso de (*μακάρων*) *vaoco* tivesse sofrido cedo esta alteração, que transformou o plural num inesperado singular. Esta nova forma deve ter dado lugar à que encontrámos no verso da *Helena*. Mas a tradição mitológica estava suficientemente arraigada para se não desviar mais da maneira vaga de designar aqueles lugares de eleição antes por «Ilhas dos Bemaventurados».